

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL**

ARTIGO FINAL

ÁREA: Língua Portuguesa

NOME DO PROFESSOR PDE: Valéria dos Santos

NOME DO ORIENTADOR: Pedro Luis Navarro Barbosa

**Maringá-Pr
2008**

Valéria dos Santos

**LEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: A IDENTIDADE FEMININA
CONSTRUÍDA NO TEXTO LITERÁRIO E MUDIÁTICO**

Artigo apresentado à Secretaria de
Estado e Educação para conclusão
do Programa de desenvolvimento
Educatonal – PDE.

**Maringá-Pr
2008**

LEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: A IDENTIDADE FEMININA CONSTRUÍDA NO TEXTO LITERÁRIO E MIDIÁTICO

Valéria dos Santos¹

RESUMO: Este artigo descreve a experiência obtida com o trabalho cujo objetivo foi propor uma leitura da identidade da mulher na qual fosse possível descobrir as várias possibilidades de sentido que o tema traz. Realizamos com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, durante um bimestre, a leitura de textos literários, midiáticos e não-verbais. Ao final foi possível concluir que a análise do discurso, enquanto suporte teórico-metodológico, é eficiente auxílio da construção de sentidos na leitura realizada pelos alunos.

Palavras chaves: discurso, identidade, literatura, mídia, sentido.

ABSTRACT: This article describes the experience of the work whose goal was to propose a reading of the identity of the woman in which it was possible to discover the various possibilities of meaning that the issue brings. We conduct with the students 2nd year of high school, for a term, the reading of literary texts media and non-verbal. In the end it was possible to conclude that the analysis of discourse as theoretical and methodological support, is effective aid the construction of meaning in reading performed by the students.

Key words: speech, identity, literature, media, meaning.

1 INTRODUÇÃO

1.1. LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Os problemas apontados no ensino de leitura tem gerado muita discussão sobre o papel da escola na formação de um leitor capaz de formular sentidos a partir dos textos que lê. Isto porque desenvolver um trabalho com de Língua Portuguesa, dentro da escola, requer, primeiro, a reflexão sobre a finalidade do seu ensino. Ensinamos a Língua Portuguesa na escola – certa modalidade desta língua, uma vez que o aluno já nos

¹ Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná

chega como usuário dela – para que o indivíduo possa participar das várias atividades de leitura e escrita que envolvem a vida em sociedade.

Pensando especificamente no caso da leitura, entendemos que o trabalho com essa deva, ao seu final, oportunizar ao aluno uma participação mais ampla na vida social; o que exige não a formação de um leitor hábil em reproduzir idéias, mas o desenvolvimento de um leitor capaz de questionar as verdades manifestas por meio da linguagem, um leitor consciente de que estas verdades são muitas e diversas atendendo sempre a interesses determinados. Assim, a leitura não pode ser pensada como interpretação ou revelação de significados, mas como um espaço de criação de sentidos que envolve um sujeito-leitor, o qual recorre a uma série de elementos para construir os sentidos no seu ato de leitura, conforme propõem as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa e Literatura - versão preliminar 2006:

[...] entende-se a leitura como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre o texto e o leitor.

[...] É nessa dimensão dialógica, discursiva, intertextual, aberta a toda sorte de contágio, que a leitura deve ser experienciada, desde a alfabetização. As categorias como quem fala e o lugar de onde se fala, tomadas nas teorizações de Bakhtin, podem ajudar no desvelamento dos sentidos destes textos e das relações de poder a elas inerentes.(p.21)

Por entendermos a construção do sentido como o centro da leitura, propomos que o nosso trabalho se dê sob uma perspectiva discursiva de leitura, tomando da Análise do Discurso os dispositivos teóricos necessários para o seu desenvolvimento.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. ALGUMAS NOÇÕES DE ANÁLISE DO DISCURSO

A análise do discurso constitui-se num dispositivo teórico e metodológico que faz reflexões sobre a linguagem e mostra que estamos sujeitos a ela, demonstra que a linguagem não é transparente ou neutra e que está sujeita a equívocos. A análise do discurso aponta para a necessidade de se transpor a materialidade da linguagem para se chegar aos sentidos e evidenciar o político, o social e o ideológico presentes nos atos de linguagem.

O discurso, compreendido como prática de linguagem, é o principal objeto de estudo da análise do discurso. Isto porque este campo de estudos recusa a idéia de que a materialidade lingüística guarda um significado que deve ser resgatado. O trabalho que propõe consiste na identificação dos sentidos estabelecidos entre sujeitos em interlocução, determinados por posições ideológicas assumidas como sujeitos discursivos, dentro de um espaço de tempo e no espaço das práticas sociais.

Por ser afetado pelo tempo histórico e pelas práticas sociais, o sujeito discursivo é marcado, de forma inconsciente, por diferentes vozes sociais que o tornam heterogêneo. Todo discurso por ele construído insere-se em uma formação discursiva que é a determinante do que se pode dizer em cada época e por isso representa uma ideologia. No interior das formações discursivas há a “presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” (FERNANDES, p. 61), é a memória discursiva ou interdiscurso,

elementos que possibilitam o funcionamento do discurso, pois é o espaço em que os sentidos se constituem.

A análise do discurso quer ultrapassar os limites da interpretação e chegar à compreensão de como os significados se constituem, para isso toma a interpretação e seus mecanismos como parte do processo de significação. Na verdade, temos gestos de interpretação, ou seja, diferentes maneiras de se construir os sentidos, os quais o analista deve ser capaz de compreender.

O texto, então, é o espaço em que se materializa o discurso, é texto porque significa e significa porque é discursividade. Ele é materialidade simbólica cuja compreensão deve ser de como cria sentidos e não o que significa, pois é um objeto lingüístico-histórico, tanto que em diferentes épocas textos significam de formas diferentes para diferentes leitores e produtores de texto

2.2. LITERATURA E MÍDIA NO ENSINO DA LEITURA

O ensino da leitura, na escola, distancia esta atividade do cotidiano do leitor, desconsidera o texto enquanto representação do real e possibilidade de estabelecer uma conexão entre a sala de aula e a sociedade.

As teorias da literatura, por meio de um trabalho sistemático, elegem determinados textos, e não outros, como objeto de estudo por eles corresponderem as suas expectativas. Desta forma, suas reflexões limitam-se ao que já foi dito e escrito dentro do seu campo de estudo reinterpretando o que já foi interpretado.

Observa-se que, embora, pouco tenham contribuído para as teorias e práticas de leitura, estas teorias muito influenciaram a leitura escolar. Esta influência é percebida nos roteiros e atividades de reconhecimento das características das obras e dos autores e em tantas outras atividades escolares que no contexto escolar convencionou-se chamar de leitura literária.

Para Lajolo (2005) esta leitura segue certo protocolo que se

formula, se sustenta e mesmo se altera no contexto social entre escritores, leitores, professores, críticos, pesquisadores de literatura. É como se entre eles se estabelecesse um pacto de uso de regras e normas que lhes dão o direito ao trabalho com a literatura. A escola cria expectativas de leitura que envolve certo domínio destas teorias e por isso vemos circular nos materiais didáticos e práticas escolares de leitura a presença destas teorias. Isto torna o trabalho com a leitura do texto literário extremamente excludente. Não só porque o aluno não domina o arsenal teórico – e muitas vezes até o próprio professor – mas porque limita a o ato de leitura a mera identificação de características próprias de determinado autor e do texto literário esvaziando o sentido da leitura, que deveria ser significativo e criativo.

Esta prática deriva de um discurso oficial que há sobre literatura. Mas, se queremos tornar a sua leitura um ato criativo e significativo, é preciso aliar a este discurso um outro que considere a literatura um fenômeno sociocultural e que exige uma teoria que também se ocupe das suas condições de manifestação.

Para superarmos o problema da leitura na escola, Lajolo (2005) propõe que devemos converter a reflexão que se orienta apenas nas teorias literárias na busca de uma prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras.

Assim, um ensino de leitura que vise extrapolar os limites da sala de aula não pode se restringir à leitura de textos literários. Deve considerar o impacto do avanço tecnológico dos últimos anos sobre as principais instituições sociais e todas as transformações que a invasão da tecnologia gerou nestas instituições.

Nessa perspectiva, não dá para ignorar que a mídia vem desempenhando um papel importante na formação do ser humano. Ela, hoje, é um espaço que concorre com a escola enquanto produtora de conhecimento e saberes. A mídia está inserida em nossa cultura e funciona como um mecanismo de representação, ao mesmo tempo em

que opera como constituidora de identidades culturais. Segundo Sabat (2001), o discurso midiático produz valores, saberes, regula condutas e modos de ser, fabrica identidades e representações sobre o conhecimento que circula na sociedade, nas palavras da autora, “suas imagens trazem sempre signos, significantes e significados que nos são familiares”.

Uma vez que a mídia propõe “modos de existência” para crianças e jovens e “que celebra verdades tomadas como hegemônicas”, Fischer (2002), estudiosa do assunto, defende que é necessário que se faça uma análise do discurso midiático captando as práticas discursivas e não discursivas que são colocadas em jogo no processo de comunicação. A autora ressalta que os enunciados dos discursos midiáticos representam uma luta pelo poder. A repercussão destes discursos no campo da educação acontece com um “dispositivo pedagógico”, com técnicas e estratégias específicas de interpelação dos sujeitos. E, assim, a mídia passa a concorrer com a escola, pois se mostra dona de um saber. Por isso ela alerta que se deve olhar a mídia não só como um espaço de discursos que têm em seu fundo uma pedagogia, é preciso extrapolar a materialidade deste e investigar onde circulam, por que meio são veiculados, ou seja, qual é a realidade social que o circunda e apreender qual é o discurso desta sociedade que a mídia está reduplicando.

2.3. REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE

Hoje, há uma larga discussão sobre as identidades na sociedade pós-moderna. Os teóricos que se dedicam ao estudo deste tema argumentam que há uma mudança estrutural transformando as sociedades modernas e causando uma mudança na forma de vermos o mundo e os sujeitos. As rápidas e sucessivas transformações criadas pelo mundo globalizado tiraram dos indivíduos a segurança de um mundo estável com sujeitos integrados. A nossa identidade pessoal também foi tocada por estas transformações e a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados já não é tão sólida. Hall (2006) afirma que o sujeito com uma identidade unificada e estável está se fragmentando na

mesma medida em que os meios de representação e significação cultural se multiplicam. Agora, ele se vê confrontado com uma multiplicidade de identidades, muitas vezes contraditórias e não resolvidas, que o deslocam em várias direções. É a perda do “sentido de si” e a conseqüente crise de identidade.

Concordante com outros estudiosos da identidade Hall (2006) cita o Movimento Feminista como um dos principais descentramentos do indivíduo moderno. O autor desenvolve a idéia de que este movimento, junto com outros movimentos sociais, contribuiu para o nascimento da “política da identidade” uma vez que reivindicava uma identidade para seu movimento, e, da contestação da posição social das mulheres passou a questionar a formação das identidades sexuais de gênero como sendo produções.

Nesse processo, a representação da identidade da mulher sofreu mudanças, o seu papel na sociedade, que antes era definido e certo, agora, é representado de diferentes formas. O discurso de uma identidade feminina fragilizada com um padrão rígido de comportamento vem cedendo espaço para um discurso que flexibiliza os espaços de atuação da mulher, tolera e até incentiva um comportamento feminino próximo ao que antes era exclusivo do homem. Na verdade, os discursos sobre a identidade da mulher têm se descolado da questão do seu sexo e sexualidade como tendo características próprias. Isto porque, as transformações do mundo moderno levaram-na para o mercado de trabalho e para uma conseqüente dominação do espaço público que antes era privilégio do homem.

Tendo em vista todas estas questões que envolvem o ensino de Língua Portuguesa desenvolveu-se um trabalho de leitura de textos literários, midiáticos e não-verbais com alunos do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Branca da Mota Fernandes o qual este artigo tem por objetivo relatar e discutir.

A aplicação do Folhas: “A mulher e a sua identidade na sociedade”, teve seu início em março de 2007 com os alunos do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Branca da Mota Fernandes. Primeiramente

iniciamos uma discussão sobre a expressão “A mulher é o sexo frágil”, sobre o que ela traz de verdade ou mentira, a concordância ou não dos alunos a respeito desta afirmativa e o perfil de mulher que ela representa. Em seguida partimos para uma leitura e compreensão de um pequeno trecho do livro **A identidade Cultural na Pós-Modernidade** de Stuart Hall no qual o autor trata da fragmentação e sua construção histórica e socialmente por meio do discurso. Para tornar mais concretas as idéias discutidas pelo autor partimos para um estudo dos elementos verbais e não verbais da capa da edição 1998, de 7 de março, de 2007, da revista Veja, identificando o discurso veiculado por esta mídia sobre a identidade da mulher. Foi feita também a leitura e discussão de um trecho da reportagem “Medicina Revela a Mulher de Verdade” a qual coloca a compreensão da mulher sob a perspectiva das ciências biológicas e em relação com a fisiologia masculina, publicada nesta mesma edição da revista. Este discurso foi comparado ao que temos nos versículos 22 e 23 do livro Gênesis da Bíblia Sagrada, como estratégia, foram aplicadas questões envolvendo os dois textos. Aprofundando a discussão trabalhamos a definição de gênero trazida no artigo **Relações de Gênero** de Yara Saião e Silvio Duarte Bock e aos alunos foi solicitado que se produzisse um parágrafo estabelecendo relação entre o trecho do livro **A identidade Cultural na Pós-Modernidade** já discutido e a definição de gênero a gora vista.

Discutidas e esclarecidas a questão de identidade e gênero como construções discursivas, partimos para uma leitura e estudo de alguns pontos da Lei Maria da Penha observando como o discurso que liga a identidade da mulher à fragilidade deu ao homem um poder maior devido a sua força física e deste modo gerou a discriminação e violência a ponto de ser necessário criar uma lei para protegê-la.

Seguindo com as atividades foi proposto aos alunos um trabalho de pesquisa e apresentação de seminário. O tema geral do trabalho foi A Mulher e os assuntos tratados foram: Cronologia feminista no Brasil, A mulher na sociedade hoje, Violência contra a mulher, Práticas sociais, modelos de sociedade e questões éticas. Todo o material para a pesquisa

foi levado para a sala de aula pela professora, a sala foi dividida em equipes e um sorteio foi feito para que se definisse o assunto que cada uma trabalharia em sua pesquisa. Os alunos trabalharam quatro aulas lendo e resumindo os textos de pesquisa isto sob a orientação da professora. Terminada esta etapa ficou acordado entre alunos e professora que as equipes deveriam se reunir fora do horário de aula para organizar a apresentação oral do trabalho produzindo material para esta apresentação: cartazes, papelógrafo, transparência e outros. Na avaliação deste trabalho foram considerados: o trabalho realizado em sala, o material produzido para a apresentação oral e a apresentação individual de cada membro da equipe.

Iniciamos um outro momento do trabalho com o estudo de três formas de discurso sobre a mulher no século XIX. Primeiro analisamos duas telas de Jean-Baptiste Debret (1768-1848): a primeira foi “Funcionário a passeio com a família”, s/d e a segunda “Uma senhora brasileira em seu lar”, de 1823. Na leitura das telas observamos um discurso oficial sobre a figura feminina uma vez que a retrata ora numa posição inferior ao homem e ora no centro da casa rodeada pela criadagem e filhos. A leitura foi feita de maneira a destacar a disposição das figuras nas telas, as cores utilizadas, os espaços retratados, a ação que está sendo retratada de cada elemento para que assim o aluno percebesse como o pintor construiu o seu discurso. A segunda leitura realizada sobre este período foi a de um trecho de um artigo publicado no jornal O sexo Feminino, em 25 de outubro de 1873 sob o título “O que queremos?”. Este artigo serviu para questionarmos o discurso retratado nas telas de Jean-Baptist Debret uma vez que nele sua autora faz reivindicações e critica a visão patriarcal da sociedade que é tão bem representada nas telas. Completando esta etapa e concluindo o Folhas partimos para o estudo do conto “A Missa do Galo” de Machado de Assis.

2.4.DESCRICÃO DA APLICAÇÃO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA

A proposta de discussão sobre a mulher e a associação do seu perfil a fragilidade gerou interesse nos alunos e pudemos constatar que os conceitos que eles tinham sobre este tema eram idéias que confirmavam a expressão “a mulher é o sexo frágil”. À medida que fomos estudando e debatendo sobre os conceitos de gênero e identidade os alunos começaram a apresentar dúvidas, incertezas sobre as idéias expostas anteriormente. Quando se perguntava ao aluno se já nascemos homem ou mulher de forma segura respondia sim. Entretanto, ao ser questionado sobre o porquê da mulher de hoje ser diferente da mulher de tempos passados, ou porque ser mulher no Brasil é diferente de ser mulher no Líbano, por exemplo, ele não sabia explicar. Ainda assim, aceitar que mulher é um conceito construído socialmente e que as pessoas do sexo feminino vão se moldando de acordo com este conceito era difícil, mesmo reconhecendo que estas diferenças existem. Esta experiência confirmou o que já se discute há muito sobre a experiência de leitura dos nossos alunos, ela é limitada e não cria condições para ele pensar, ver, compreender, enfim, ler de diferentes maneiras. A repetição lhe causa segurança o que gera na suas atitudes de leitura uma resistência, ou talvez dificuldade, de aceitar o que ele ainda não viu confirmado por um discurso que fuja do convencional ou oficial. Ele não sente que tenha permissão para afirmar algo que contrarie este discurso, é o medo do erro.

Pensando especificamente no tema que tratamos, deixar de afirmar uma idéia milenar e passar a rebatê-la é tarefa difícil, pois não existe para ele a possibilidade de realização de uma leitura que envolva o sentido construído a partir do texto lido e que este sentido varia, não é o mesmo. Deste modo, o trabalho proposto colocou para o aluno uma nova forma de realizar a leitura propondo que a sua postura diante de um texto se modificasse.

A análise do Discurso, enquanto dispositivo teórico e metodológico, o qual propõe que a leitura é criação e formulação de sentidos dados por um leitor que ocupa uma posição sujeito no ato de leitura, contribuiu ao fazer o aluno repensar conceitos, pois ao serem confrontados com os diferentes discursos sobre a mulher tiveram que repensar a visão

unilateral que tinham sobre o tema. Ao realizarem a leitura da capa da revista, o trecho da reportagem e do texto bíblico, viram três discursos que tratavam do mesmo tema resgatando e reafirmando idéias já cristalizadas ao mesmo tempo que propunham idéias novas sobre a mulher. A afirmação de que a mulher é o sexo frágil e dependente do homem eles viram confirmada no trecho da Bíblia. Entretanto esta idéia foi questionada quando na reportagem a ciência comprova as diferenças fisiológicas entre homem e mulher. Os alunos se perguntaram se a fragilidade atribuída ao sexo feminino não era apenas consequência da diferença física entre os sexos e mais, eles puderam contrapor a esta idéia a própria realidade vivida e observada por eles, como por exemplo, se a mulher é o sexo frágil como pode as mães sustentarem muitos lares e criarem seus filhos sozinhas? Questão esta feita por eles. Ao realizarem o trabalho de pesquisa e seminário alargaram o conceito sobre a identidade da mulher, pois por meio das leituras que fizeram perceberam como a mulher mudou e que o seu papel na sociedade também é outro, respondendo assim a pergunta formulada por eles mesmos. O estudo dos textos literários, das telas de Debret e do trecho do artigo publicado no jornal “O sexo feminino” trouxe mais uma vez o confronto dos discursos.

A proposta de ler o texto literário desvinculado da periodização tão comum no trabalho escolar gerou questionamento por parte dos alunos, vimos aí mais uma vez a presença de um conceito de leitura que a desconsidera como atividade cotidiana e a entende como atividade escolar e volta na questão da leitura certa que a escola deverá ensinar para o aluno, deixando de lado a possibilidade deste aluno tornar-se um leitor que pode ler e reler os textos buscando sentidos novos a cada leitura realizada.

O trabalho com a imagem midiática trouxe discussões importantes não só sobre a identidade veiculada nesta mídia sobre a mulher, mas também sobre a identidade de modo geral que ela veicula, possibilitando ao aluno uma reflexão sobre a imagem que constrói sobre si a partir do que nela vê. Para o jovem é natural o desejo de alcançar a identidade estabelecida pela mídia. Esta idéia nos fez questionar porque não ser

diferente, buscar uma identidade mais pessoal, discutir porque a mídia determina certo padrão de identidade para o jovem e o que podemos ler por meio deste discurso midiático sobre as identidades. Ao final das discussões percebemos uma postura mais crítica por parte dos alunos sobre as questões debatidas.

Importante ressaltar a dificuldade do aluno diante da leitura do texto não-verbal, ele faz parte do cotidiano deste jovem, entretanto a leitura dos seus elementos é estranha a ele, seu olhar não está habituado a fazer indagações diante de uma imagem, eles apenas olham e transformam em palavras o que vêem. Não se perguntam por que aquela cor e não outra, o que determinou a escolha de certo foco de luz, por que esta posição e não outra ou se estas escolhas fariam diferença no sentido construído pela imagem e outras tantas questões que poderiam ser feitas. Estes dados sugerem a necessidade e importância de se trabalhar na escola com o discurso midiático já que muito da experiência destes alunos se dá por meio da mídia e a atividade de leitura desta demonstrou que estas experiências acontecem de forma passiva sem nenhum questionamento.

3 CONCLUSÃO

Se um dos objetivos do ensino da língua e da leitura é criar condições para que o educando atue de maneira plena no seu meio social a proposta desenvolvida alcançou o seu objetivo.

Os textos estudados sob a perspectiva da análise do discurso possibilitaram que a leitura passasse a ter uma finalidade real que extrapola a finalidade da escola. É possível desenvolver um trabalho de leitura que oportunize ao aluno exercer e exercitar a sua liberdade de pensar e expor suas idéias ainda que inseguros no começo. Portanto o trabalho é longo, não se esgota em um projeto, ao contrário, este apenas marca seu início. Um trabalho de leitura que seja efetivo exige a harmonia entre todos os trabalhos de leitura realizados dentro da escola, pois só assim uma leitura que constrói sentidos se consolidará em nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PARANÁ. **Diretrizes** Curriculares **de Língua Portuguesa e Literatura** – versão preliminar. Curitiba, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso:** reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematização sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, 2002, n 20, p. 83-94.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed., Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: Zilberman e Theodoro [orgs]. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. S. Paulo: Ática, 2005, p. 87-99.

NAVARRO, Pedro. A Leitura ad Infinitum da Interpretação e a Problemática da Interação Autor/Texto/Leitor. In: Calsa, Geiva Carolina et al. **Anais do I Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano**. Maringá: UEM, 2004.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

_____. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro.(org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005, p. 58-77.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v 9, n 1. Florianópolis, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu [org]. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.(p. 73-102)

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro.(org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005, p. 18-29.

